



José Soares\*

## Peixe do meu quintal

# O Circo da Justiça

Foi deplorável, o espetáculo que nos foi dado ver, dez anos depois do maior golpe bancário de todos os tempos. É um processo judicial como poucos no mundo. Todos os números são espetaculares. Para o Povo, saiu-lhe um custo de cerca de 12 mil milhões de euros de prejuízo. Para alguns, foi a sorte grande, com milhões ainda hoje escondidos algures por esses offshore fora. Foi dos maiores colapsos financeiros, com a queda de uma das instituições bancárias mais antigas e respeitadas de Portugal – Banco Espírito Santo, também conhecido pela sigla BES.

O antigo presidente do BES, Ricardo Salgado, é o principal arguido do caso BES/GES e responde em tribunal por 62 crimes, alegadamente praticados entre 2009 e 2014.

Entre os crimes imputados contam-se um de associação criminosa, 12 de corrupção ativa no setor privado, 29 de burla qualificada, cinco de infidelidade, um de manipulação de mercado, sete de branqueamento de capitais e sete de falsificação de documentos.

Há 16 pessoas que chegaram a arguidos, sem contar com as dezenas e centenas de gestores de conta que aliciaram clientes com produtos bancários compostos do BES – alguns destes nem sequer autorizados em Portugal.

As 1994 vítimas do maior crime económico-financeiro do país depositaram a sua confiança abnegada nos seus pontos de contacto e gestores de carteira, muitos deles sem capacidade – académica e técnica – de fazer uma escolha informada. Apenas confiaram, pois confiavam no estado de direito no país, nos supervisores – confiam que somos um país europeu.

Agora, depositam a esperança derradeira no julgamento que agora começou. As poupanças de vida de investidores não qualificados somam cerca de 240 milhões de euros e, no processo-crime, este conjunto de vítimas reclama por 330 milhões, valor que inclui danos, não só patrimoniais, como morais. Para além de tudo isto ao longo destes 10 anos, mais de 100 pessoas já faleceram, muitas outras sofrem em silêncio, com doenças físicas e mentais que surgiram e sem recursos para tratamento adequado, estando duas e três linhas geracionais a aguardar e a lutar por justiça.

Outro ângulo desta triste história, é o comportamento negligente, incompetente e de uma inação gritante, da instituição que deveria proteger os cidadãos – o Banco de Portugal, que é (ou deveria ser) o regulador e protetor financeiro do Estado. E hoje, parece-nos mais que evidente que o Banco de Portugal “sabia de tudo” antecipadamente. Como é sabido, um dos maiores industriais nacionais, Pedro Queiroz Pereira entregou pessoalmente à instituição que deveria ser a guardiã financeira do cidadão comum, um conjunto de documentação que ele próprio investigou e compilou. Nem assim o Banco de Portugal/Estado Português foi capaz de atuar atempada e competentemente. Até hoje, permanece fechado na Casa-Forte o Relatório Costa Pinto que o Banco de Portugal nunca autorizou a sua divulgação. À semelhança de Ricardo Salgado, o governador de então, Carlos Costa, é também um rosto a registar. É público o testemunho do empresário Pedro Queirós Pereira que revela que entregou “tudo” ao Banco de Portugal, ao cuidado do Dr. Pedro Duarte Neves.

Noutras paragens deste nosso planeta, lá para os lados dos EUA, no caso Madoff por exemplo (entre muitos), o MP americano promoveu junto do tribunal que os bens arrestados aos arguidos fossem em pri-

meiro lugar para reembolsar as vítimas, ainda antes da conclusão do julgamento e respetiva sentença. Que se faça o mesmo por cá. Os bens arrestados de 1.8 mil milhões de euros sirvam para reembolsar as vítimas do BES/GES e não outra solução comprometida como foi o NOVO BANCO, filho púdic do Espírito Santo, entretanto adquirido pela Lone Star Funds L.P. ('Lone Star', United States) através da 'Nani Holdings' (Portugal), salvando assim milhões de euros de figuras conhecidas e políticas que haviam ajudado a toda a embrulhada anterior.

Segundo o Ministério Público, a derrocada do GES terá causado prejuízos superiores a 11,8 mil milhões de euros. É dos maiores crimes económico-financeiros do mundo.

E agora, no primeiro dia de julgamento de tudo isto, os advogados de defesa do principal arguido Ricardo Salgado, trazem-no a tribunal de arrasto, combalido e velho, mal podendo caminhar, alegadamente com Alzheimer, o que é muito conveniente num caso destes.

Os advogados de defesa quiseram propositadamente mostrar o seu cliente como vítima da condição humana, que não está em condições de ser julgado. Note-se que na cena televisiva em que um dos lesados conseguiu chegar junto de Ricardo Salgado e dizer-lhe das boas, este ia responder-lhe e foi imediatamente aconselhado ao ouvido pelo advogado que o acompanhava, Francisco Proença de Carvalho, para se manter calado. Por pouco estivemos à beira de saber até que ponto a doença atinge o acusado.

Na estória de Homero, o herói Ulisses regressou dez anos após várias aventuras e guerras. Ao entrar em sua casa, apenas o seu velho cão o reconheceu.

Neste processo BES, começado há dez anos, o seu “herói” não reconhece a sua própria casa. Depois de todas as aventuras rocambolescas e magia em fazer desaparecer milhares de milhões, o esquecimento continua sendo a melhor saída para os próximos anos.

Há por aí muita gente influente, feliz por este oportuno esquecimento do ‘dono disto tudo’. Muita cabeça iria rolar da guilhotina popular, por usufruírem dos milhões distribuídos pelo agora ‘esquecido disto tudo’, que abriram caminho, com passadeira vermelha, desde São Bento a Belém.

Mas tudo ficará convenientemente *alzheimerado* e esfumado pelas seitas e redes que ainda imperam no retângulo ibérico.

Os arguidos dirão que Ricardo Salgado é quem controlava tudo e todos. Todos o acusarão de tudo e ele não poderá ser condenado, porque a sua condição mental não o permite. Este é o argumento e o guião já escrito entre os intervenientes. Afinal, há muito dinheiro para a Justiça e advogados!

As leis portuguesas são “humanistas” e muito descendentes – especialmente para os membros do poder corporativo que toma conta disto tudo.

**“A JUSTIÇA É COMO UMA SERPENTE, SÓ MORDE OS PÉS DESCALÇOS.”**

\*jose.soares@peixedomeuquintal.com



**autoNext24**

facebook/AutoNext24  
por: Ricardo Martins

## R4 VOLTOU



O Renault 4 é um ícone que surgiu nos anos 60, respondendo a transformações sociais como o êxodo rural e o novo papel da mulher, simbolizando liberdade e acessibilidade. Em 2022, foi anunciado o Renault 4 E-Tech 100% elétrico, que mantém o ADN do modelo original, mas se reinventa como um automóvel compacto, versátil e atual. Com um design retro futurista e um tejadilho de lona, ele é projetado para aventuras diárias, oferecendo uma bagageira espaçosa e uma disposição modular que se adapta a diferentes necessidades.

O Renault 4 E-Tech é ligeiramente maior e mais espaçoso que o Renault 5 E-Tech, visando um público mais amplo, incluindo famílias jovens, ao contrário do Renault 5, que se destina principalmente a clientes urbanos. O veículo oferece uma bagageira com 420 litros de espaço, uma soleira de carga baixa, compartimentos de arrumação engenhosos, e bancos traseiros e do passageiro rebatíveis, aumentando a sua funcionalidade.

Além disso, conta com uma maior distância ao solo e um avançado sistema de controlo de tração, Extended Grip, que garante conforto em diversas condições de condução. Graças à plataforma AmpR Small, que compartilha com o Renault 5 E-Tech, o Renault 4 E-Tech combina um baixo centro de gravidade, boa aderência, função One Pedal e uma autonomia de até 400 km, tornando-se uma opção prática e eficiente para o uso diário e longas viagens.

O Renault 4 E-Tech 100% elétrico é equipado com tecnologias avançadas de conforto e segurança, incluindo o Active Driver Assist para condução assistida de nível 2, 26 ajudas à condução e a função My Safety Switch, que permite ao condutor personalizar as configurações de segurança com um simples toque. O sistema de travagem dinâmica combina travagem e ESP para reduzir o tempo de reação pela metade, enquanto outras funções como Fireman Access e alerta de saída em segurança dos ocupantes reforçam a proteção.

O modelo também integra serviços Google conectados por meio do sistema multimédia OpenR Link e conta com um avatar chamado Reno, que, em colaboração com o chatbot de inteligência artificial ChatGPT, auxilia os usuários na compreensão das funções elétricas do veículo.

A versão principal do Renault 4 E-Tech 100% elétrico é equipada com uma bateria de 52 kWh e um motor de 110 kW, oferecendo uma autonomia WLTP de até 400 km. A bateria de íons de lítio utiliza tecnologia NMC, proporcionando alta densidade energética e reduzindo o peso em 20 kg em comparação com o ZOE, totalizando menos de 300 kg. O motor, que é o mesmo do Renault 5 E-Tech, entrega 150 cv e 245 Nm, permitindo acelerações de 0 a 100 km/h em menos de 8,5 segundos e uma velocidade máxima limitada a 150 km/h.

Todas as versões vêm com um carregador bidirecional de 11 kW CA, facilitando a mobilidade pelo território europeu, além de um carregador de 100 kW DC para carregamento rápido. Os tempos de carregamento são de 4 horas e 30 minutos para 10 a 100% com 11 kW CA e 30 minutos de 15 a 80% com 100 kW DC.